



Coleção de Literatura
Brasileira

CAMÕES

de Joaquim Nabuco

Senhor, Senhora,

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Quando no dia 10 de Junho de 1580, Luís de Camões expirava em Lisboa, na mais completa miséria, ao desamparo de todos, abandonado até de si mesmo, se alguém lhe dissesse que ele só morria para ficar imortal, talvez que o Poeta, esmagado como o Gladiador pelo seu próprio destino, sem que no vasto Anfiteatro uma voz, um gesto, um olhar, pedisse compaixão para ele, afastasse com indiferença essa esperança de uma vida que não é mais do homem, mas tão-somente do seu gênio e da sua obra.

Entretanto, senhores, por mais que a consciência transforme numa tragédia pessoal cada um dos nossos sofrimentos, que aos olhos de um espectador desinteressado que abrangesse o interior de todas as almas, não pareceriam mais dramáticos do que a queda silenciosa da ave ferida no vôo, o que são todos os infortúnios reais e verdadeiros do Poeta, comparados à glória que nos reúne a todos, trezentos anos depois da sua morte, em torno da sua estátua?

O homem é o nome. A parte individual da nossa existência, se é a que mais nos interessa e comove, não é por certo a melhor. Além desta, há outra que pertence à pátria, à ciência, à arte; e que, se quase sempre é uma dedicação obscura, também pode ser uma criação imortal. A glória não é senão o domínio que o espírito humano adquire dessa parte que se lhe incorpora, e os Centenários são as grandes renovações periódicas dessa posse perpétua.

Tomando a iniciativa que lhe competia por ser a primeira das fundações literárias de Portugal no Brasil, o Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro, quis associar o seu nome ao terceiro Centenário de Camões por uma tríplice comemoração. A primeira foi o assentamento da pedra fundamental da Biblioteca Portuguesa, que terá à entrada, para melhor recordar o dia de hoje, as estátuas dos seus dois padroeiros: o grande Poeta e o grande Infante. A segunda foi a sua edição especial dos *Lusíadas*, a qual tomará lugar de honra na Camoniana do Centenário. A terceira é esta imponente solenidade artística, honrada com a presença de um Soberano, que já mostrou, com Victor Hugo, que é para ele um dos privilégios do seu ofício de rei poder esquecer que o é diante de um grande poeta, com a presença de uma princesa que só tem feito falar de si pela sua bondade e pela sua benevolência para com

todos, e com a representação da Câmara dos Deputados, que interpretou bem, com a sua homenagem a Luís de Camões, o sentimento unânime do nosso país.

Nesta festa uns são Brasileiros, outros Portugueses, outros estrangeiros; temos todos porém o direito de abrigar-nos sob o manto do Poeta. A pátria é um sentimento enérgico, desinteressado, benéfico, mesmo quando é um fanatismo. Este fanatismo admite muitas intolerâncias, menos uma que o tornaria contraditório consigo mesmo: a de recusarmos o concurso espontâneo das simpatias estrangeiras nas grandes expansões da nossa Pátria.

Se o dia de hoje é o dia de Portugal, não é melhor para ele que a sua festa nacional seja considerada entre nós uma festa de família? Se é o dia da língua Portuguesa, não é esta também a que falam dez milhões de brasileiros? Se é a festa do espírito humano, não paira a glória do poeta acima das fronteiras dos Estados, ou estará o espírito humano também dividido em feudos inimigos? Não, em toda a parte a ciência prepara a unidade, enquanto a arte opera a união. Até a pátria é um sentimento que se alarga, abate as muralhas da China que o isolavam, e torna-se cada vez mais, como se tornou a família entre os homens, e há de tornar-se a religião entre as Igrejas, um instrumento de paz, de conciliação, e de enlaçamento entre

os povos.

Num sentido mais especial, porém, pode-se dizer que sejamos nós, os Brasileiros, estrangeiros nesta festa?

Seria preciso esquecer muita coisa para afirmá-lo.

Não foi o Brasil descoberto, colonizado, povoado por Portugueses? Não foi uma colônia Portuguesa durante três séculos, que se manteve portuguesa pela força das suas armas, combatendo a Holanda, até que, pela lei da desagregação dos Estados, e pela formação de uma consciência Brasileira e Americana no seu seio, assumiu naturalmente a sua independência e coroou seu Imperador ao próprio herdeiro da Monarquia? Depois deste fato, apesar dos preconceitos hoje extintos, não tem sido o Brasil a segunda pátria dos Portugueses? Não vivem eles conosco sempre na mais completa comunhão de bens, num entrelaçamento de família, que tornaria a separação dos interesses quase impossível?

Quanto ao Poema, deixai-me dizê-lo, ele nos pertence também um pouco. Quero esquecer a língua Portuguesa, que nos é comum, e a sucessão legítima que nos faz tão bons herdeiros, pondo de parte a tradição nacional, dos contemporâneos de Camões e do velho Portugal dos *Lusíadas*, como os Portugueses do século XIX, para tomar somente a obra de arte.